



Leitura e Mediação Pedagógica



FESTIVAL DE PIPA E POESIA: A LEITURA AO VENTO

Deise Nanci de Castro Mesquita - CEPAE/ UFG

Simone Aparecida dos Passos – CEPAE/UFG

RESUMO

Este artigo discute a perspectiva enunciativo-discursiva de produção textual oral, escrita e cênica abordada no projeto interdisciplinar “Como tirar a poesia da estante?” e apresenta alguns resultados do “II Festival de Pipa e Poesia”. Desenvolvida no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás, em 2010, esta proposta objetivou a confecção de pipas contendo textos poéticos selecionados ou produzidos pelos alunos, a partir de pesquisas feitas na biblioteca e no laboratório de informática, e de atividades orientadas pelos professores, durante as aulas de matemática, educação física, teatro e português. Ao final, em uma manhã de maio, quando foi celebrado o Dia das Mães com as famílias, suas criações foram expostas, declamadas e encenadas no auditório, e depois empinadas no pátio da escola.

PALAVRAS-CHAVE: poesia, leitura, escrita e exercício cênico.

A PERSPECTIVA ENUNCIATIVA E DISCURSIVA DA TEXTUALIDADE

No CEPAE/UFG, os produtos textuais orais, escritos, imagéticos e cênicos desenvolvidos nas disciplinas de sua matriz curricular de educação básica são orientados por uma concepção enunciativo-discursiva de linguagem (BAKHTIN, 1992); e direcionados para a compreensão e utilização dos conteúdos veiculados em língua portuguesa como uma manifestação de natureza social. Isto equivale a dizer que os diversificados materiais impressos e virtuais trazidos para a sala de aula em forma de livros didáticos e literários, jornais, revistas, *sites* da *internet* e outros são tomados como enunciados reais que informam e possibilitam a ampliação das capacidades intelectuais e discursivas dos alunos.

De fato, a sociedade contemporânea é marcadamente determinada pela linguagem impressa ou digitalizada, textual ou hipertextual, e as pessoas interagem verbal e não verbalmente, fundamentalmente, por meio de textos. Ou seja, as relações humanas são mediadas pela apropriação dos discursos que já se configuram como gêneros discursivos, como fenômenos históricos vinculados

às práticas sociais e culturais, que corroboram o ordenamento e a estabilização das atividades comunicativas cotidianas (MARCUSCHI, 2008).

Antunes (2005, p. 39), por exemplo, faz referência ao impulso trazido pela consideração da “textualidade” para os programas das disciplinas de línguas maternas e estrangeiras, que pode adequadamente reiterar a pertinência de se tomar as diversificadas manifestações orais, escritas, imagéticas e cênicas nesta perspectiva enunciativo-discursiva, como eixo central para o ensino e aprendizagem de outros campos de conhecimento e, assim, potencializar o desenvolvimento cognitivo, cultural e social dos sujeitos:

Entender o fenômeno da linguagem constitui uma tarefa tanto mais fecunda quanto mais se pode compreender os diferentes processos implicados em seu funcionamento concreto, o que leva, necessariamente, ao domínio do texto, em seus múltiplos desdobramentos, linguísticos, discursivos e pragmáticos. O texto envolve uma teia de relações, de recursos, de estratégias, de operações, de pressupostos, que promovem a sua construção, que promovem os seus modos de sequenciação, que possibilitam seu desenvolvimento temático, sua relevância informativo-contextual, sua coesão e sua coerência, enfim.

Assim sendo, tal como nos outros ambientes reais desse mundo letrado, na escola, todas as disciplinas devem objetivar que o estudante seja capaz de entender, avaliar e (re)criar textos, isto é, diferentes enunciados e gêneros discursivos que, na realidade, o rodeiam. Para tanto, devem ser desenvolvidas atividades por meio das quais o aluno possa se tornar competente para significar e re-significar o mundo em que habita; consciente para interpretar e transformar a si mesmo e as interações sociais que o constituem; e independente para produzir e veicular textos que alcancem o *status* de discurso.

No CEPAE/UFG, a partir de atividades individuais, em pares e em grupos, o que se busca é levar o estudante a perceber e usar o discurso como uma forma de ação no mundo. Ou seja, os produtos textuais em idioma português comparecem atrelados a todos os campos de conhecimento, a todas as matérias que compõem o currículo escolar. E, em relação às disciplinas Teatro e Língua Portuguesa, que têm como objeto de estudo o fazer linguístico, isto é, o processo de produção textual de diferentes tipologias e gêneros segundo uma concepção teórico-linguística, as atividades de sala de aula são materializadas em procedimentos didático-pedagógicos que visam principalmente ao teatro e à literatura como experiências estéticas.

O TEXTO LITERÁRIO EM CENA

A história da comunicação relata que, na origem, houve um momento em que o pensamento não era verbalizado por meio de códigos, e a enunciação e a compreensão se davam pela inteireza do ser na conjunção do canto e da dança. Todo o corpo era usado no relato de acontecimentos, sentimentos e sensações. Essa ocorrência localiza-se nos períodos Paleolítico e Neolítico marcando o surgimento da *mimesis* e da *poiese* humana. Nos primórdios, o campo semântico do balbucio e da corporalidade associava, mais do que a linguagem verbal, a corporal e a melódica; e assumia um

caráter de transcendência. Tomado de sensações, esse homem primeiro utilizava não só uma linguagem convergente, mas também divergente, emitindo o concreto e o abstrato, o humano e o divino, instaurando, assim, uma profundidade compreendida no limiar onde hoje se separam as distintas linguagens.

O corpo e a voz, emaranhados às sensações, ao sentimento e ao pensamento, expunham na representação a re-vivência do si mesmo para existir com o outro e no outro. A comunicação, feita do si mesmo, unia a compreensão do nós e também o diferenciava desse, indo além, criando-se assim as primeiras noções de divindade, arte, ciência e outras nuances. Assim entendido, o corpo era um suporte do conhecimento, do pensamento. A partir do conhecimento de suas possibilidades corporais, o homem tornava-se ele mesmo e ia além. Nietzsche (2007, 2007, p. 31) escreveu que o processo de individuação era conscientizado por meio da inteireza do corpo:

[c]antando e dançando, o homem se manifesta como membro de uma comunidade superior: ele desaprendeu a caminhar e falar e está a ponto de, dançando, voar pelos ares. Seus gestos revelam uma encantadora beatitude. Assim como agora os animais falam e a terra produz leite e mel, também a voz do homem ressoa como algo sobrenatural: ele se sente um deus; agora seu andar é tão nobre e cheio de êxtase como aquele dos deuses que viu em sonhos. O homem não é mais artista, tornou-se obra de arte: potência estética da natureza inteira.

Como afirma o filósofo, o código de comunicação estava no homem por completo e tornava-se a concretização de seu imaginário, não artista, mas sim obra de arte. A palavra estava unida, pois, à corporeidade e, nessa originária simbiose, a “sensação de poeta” está contida. Para Alfredo Bosi (1977, p.122), essa influência corporal ainda encontra reflexo na palavra escrita:

A comunidade era possuída pela voz e pelo gesto com que impetrava as forças divinas espalhadas pela Natureza. Na poesia, esse movimento sobrevive na dinâmica da forma que realiza exercícios de analogia entre os seres (metáfora) ou de contiguidade (pela metonímia).

Com efeito, o verbo como elemento de arbitrariedade organizou profundamente o convívio da comunidade e, aos poucos, sua qualidade abstrata e sua duração reduzida geraram a necessidade do registro escrito. A palavra, sem forma, que se perdia no tempo-espço, foi tornada imagem, forma concreta durável. O advento da escrita tornou-se um importante acontecimento sociocultural e passou a intervir na criação e comunicação poéticas do homem.

De fato, a palavra escrita se apresenta em diferentes materialidades artísticas; e não existe arte ou obra que substitua outra. Mesmo em se tratando de artes que têm a mesma materialidade, ou que se servem da palavra matéria prima, é preciso estar atento aos elementos que constituem cada obra. Contudo, texto e cena não devem ser concebidos como pólos, mas como continuidade.

Nos moldes aristotélicos, o drama está diretamente ligado à poesia, possui a mesma natureza. Certamente a *mimesis* aristotélica é conceito intercessor deste paradoxo que difere os gêneros textuais, que, apesar de toda a historicidade, continuam válidos como alicerces para a construção do conhecimento sobre literatura e teatro. Para tanto, o que mais interessa nesse momento é a capacidade representativa do texto, elo entre teatro e literatura. A *mimesis*, conjunção de literatura e teatro, faz

pensar mais nitidamente no homem social, na cultura e no texto como reveladores de tradições, organizações sociais, psicologias de épocas, entre outras constatações. Anatol Rosenfeld (1993, p 36) retoma a origem da palavra escrita como expressão do imaginário que se faz código e assume a qualidade oral e corporal do texto:

O que de fato “funda” a literatura são as sonoridades das palavras e orações que, quando a obra literária é lida, são “codadas” (apreendidas com o “ouvido interior”), e diretamente dadas quando ela é recitada. Por isso, a literatura costuma ser classificada como arte auditiva. No entanto, o que de fato “constitui” a literatura são as unidades significativas projetadas pelas orações. Através delas e de seus contextos objetivos se manifestam as camadas mais profundas da obra – o mundo imaginário de um romance, poema ou peça.

Assim, o que se coloca como um divisor e conector de teatro e literatura, artes autônomas e ao mesmo tempo complementares, é a condição do corpo (ação) e da palavra. O teatro liga-se à literatura: a palavra, mais que registro, torna-se ação. Mais importante do que separar essas artes autônomas é considerar que elas, dentro de sua especificidade, são expressão do homem. É na cena que a palavra se concretiza pela ação e pela própria oralidade. Ou seja, a obra literária é uma construção performática e seu desvelamento pelos exercícios cênicos também passa por uma *performance*, uma vez que escritor e o praticante do exercício reconhecem elementos comuns.

Por isto, a *performance* torna-se extremamente importante para a produção, compreensão e prazer do texto, o que leva a compreensão entre sujeitos. O corpo do praticante do exercício tende a vivenciar virtualmente as informações do escritor, evocando seu referencial pessoal de percepção de mundo. Escritor e praticante do exercício fazem, sob o suporte do texto literário uma intercessão de sentimentos. A palavra escrita é o veículo que conduz os dois extremos dessa comunicação a uma comunhão que transcende os signos e os símbolos, tocando a alma de ambos. A partir da atuação, é possível viver, falar e sentir a *dramatis personae* proposta pelo autor. Logo, em se tratando de “textualização” no teatro, é dizer que o verbo (a palavra, a literatura) materializa-se no corpo, em cena.

A LITERATURA FORA DA ESTANTE

A experiência estética do aluno que recebe o texto tirado da estante, que chega à cena, à aula de língua portuguesa, é ao mesmo tempo distinta e semelhante daquela vivenciada na aula de teatro, em cena. Na sala, é diferente, quando ele apenas decodifica as palavras escritas no texto, quando ele somente apresenta o corpo que está preso no texto. É parecida, quando ele analisa este corpo, quando ele o toma e observa como foi amarrado. E o desprende, tira a faixa que o amordaça, desenrola o cordão que o amarra, puxa as linhas que o embaraçam, e o liberta, novamente, para outros cativeiros. Ainda, embora o drama possa ser lido, interpretado, neste palco (o da sala de aula), outros gêneros discursivos, como o escolar, o científico, o jornalístico, o publicitário, entre outros, circulam com mais frequência no ambiente educacional, normalmente, porque compõem as cenas do livro didático.

Na verdade, de forma geral, o gênero literário acaba ocupando apenas as prateleiras das bibliotecas das escolas; e é para evitar que isto aconteça, ou seja, para fazer com que os cânones da literatura também sejam desfrutados, que o Projeto de “retirar a poesia da estante permitindo que ela salte para a vida” ganhou tantos adeptos, amantes das artes, no CEPAE/UFG. E uma das grandes preocupações em se garantir a presença tanto de obras contemporâneas quanto clássicas, nesse ambiente de escolarização formal, deve-se à constatação de que os alunos matriculados em instituições públicas de educação básica como o CEPAE/UFG, frequentemente oriundos de classes econômicas menos privilegiadas, são geralmente privados do acesso à maioria dos bens culturais da sociedade letrada.

Por isso, um dos principais objetivos de se trabalhar com os diferentes gêneros literários, desde a primeira fase do ensino fundamental até o ensino médio, de maneira formal e cotidiana, é promover a veiculação de outros saberes que também constituem os seres de linguagem em suas subjetividades. É dizer que a mediação do diálogo entre os discursos escolares e literários pode corroborar a apropriação de conhecimentos disponibilizados tanto em publicações cotidianas atualizadas como em cânones da literatura, que são imprescindíveis à formação desses sujeitos e à reconstrução de suas realidades. Portanto, entender a apreciação das artes como uma experiência estética, “humanizadora”, é concordar com Cruvinel & Mesquita (2009, p. 270), quando explicitam que:

Postular a prática da leitura de obras literárias no ensino fundamental para além do mero entretenimento ou puro formalismo escolar é [...] fazer a aposta de que o texto literário proporciona a inserção do sujeito em outra ordem, mais complexa e dinâmica, diferente daquela normalmente presente em seu cotidiano, mais afeita à superficialidade e ao senso comum. É tomar a linguagem elaborada, como costuma ser a da literatura, como algo que desafia o leitor, que o impulsiona a observar, a pensar, a analisar, a travar relações, a interpretar e a refletir metodicamente sobre os fatos do mundo. Enfim, é dizer que, enquanto possibilidade de diálogo, as experiências contidas na literatura passam a ser compartilhadas, proporcionando aos leitores uma maior compreensão de si e de sua postura no mundo. Isto porque, por sua natureza mimética, a literatura apresenta a realidade, escancara a relação conflituosa do homem e seu universo, ou seja, propicia condições para que ele avance em sua humanização.

No entanto, a despeito desta compreensão, Cruvinel & Mesquita (2009, p. 267) também chamam a atenção para a dificuldade de se pensar e garantir a prática da leitura literária no âmbito escolar brasileiro, como um todo, diante da inexistência de bibliotecas ou de livros disponíveis para empréstimo; da indisposição ao exercício intelectual exigido para a análise de um texto mais denso; da incompreensão dos alunos – filhos do pragmatismo e da urgência – sobre a necessidade da literatura; além do questionamento dos próprios professores quanto às contradições perceptíveis na associação entre os discursos literário e pedagógico.

E, mesmo que a realidade do CEPAE/UFG se apresente distinta dos primeiro e último exemplos enumerados anteriormente, os demais se assemelham inteiramente com a vida da maioria de seus estudantes. Ou seja, devido principalmente às necessidades financeiras que obrigam seus pais e responsáveis a trabalhar o dia todo e, conseqüentemente, a deixá-los praticamente sozinhos em casa, quase todos carecem de acompanhamento e de limites, e acabam diária e noturnamente imersos em um ambiente referendado apenas pelos meios de comunicação de massa e pelas redes digitais mundiais.

Não obstante a relevância destas ferramentas para a formação dos sujeitos de uma era informatizada e globalizada, infelizmente, no caso da maioria desses alunos, o que se percebe são o uso inadequado das informações veiculadas e a apropriação indevida de ideias alheias, que obscurecem suas percepções, empobrecem suas reflexões, embotam suas sensibilidades e limitam suas criatividade. E, aliados a isto estão o (aparente) desinteresse pelo estudo metódico e sistemático de boas obras literárias, clássicas e modernas; e a preferência pela leitura de entretenimento, descompromissada e desatenta, encontrada em revistas populares e *Best Sellers*, nacionais e internacionais.

Por isso, de modo geral, o que os responsáveis pela educação formal brasileira hoje parecem desejar é que a escola possa ao menos incutir a cultura da leitura de qualidade em seus discentes, ou seja, que o professor possa não apenas convidar, solicitar ou obrigar os estudantes a ler obras literárias, mas seduzir, envolver e enlaçar esses alunos em uma experiência verdadeiramente estética. Cruvinel e Mesquita (2009, p. 267-268) explicam:

Nestes termos, é dizer que a leitura de todos os tipos (e a do gênero literário mais especialmente) não depende apenas da intencionalidade ou desejo dos sujeitos, e que por isso mesmo exige esforços de várias ordens, sendo um deles a efetivação deste hábito na e pela escola. Assim, o princípio básico que sustenta esta proposta de trabalho com a literatura na escolarização básica é a compreensão da leitura como uma prática que se realiza, geralmente, apenas quando é mediada por uma instituição escolar, ou seja, é nesse ambiente, e infelizmente quase somente nele ou por ele motivado, que a grande maioria dos alunos brasileiros consegue ter acesso a uma obra literária e com ela dialogar, sem que ela necessariamente figure nas listas dos mais vendidos.

E, em relação à leitura da poesia, a necessidade parece ser ainda mais premente, já que a resistência não se dá apenas por parte dos alunos, mas também de seus professores, que acabam relegando este gênero a um plano secundário. Alegações como a dificuldade de lidar com o abstrato, o inacabado e a ambigüidade têm servido de justificativa para a ausência da exploração das potencialidades da linguagem poética, como o desvendamento de sentidos possíveis ao texto entrelaçado por um certo equilíbrio entre ideias, imagens, musicalidade...; como a exploração de efeitos de sentidos provocados pelas escolhas fonológicas, sintáticas, semânticas...; como a evocação de sensações, impressões, sentimentos e reflexões motivada pela leitura em voz alta; como a

expressividade lírica presente na utilização de gestos, movimentos, efeitos sonoros, fundo musical...; como a atenção às marcas registradas pelo ritmo, pausas e entonação da voz...; entre outros. Drumond de Andrade (1974) questiona:

Por que motivo as crianças, de modo geral, são poetas e, com o tempo, deixam de sê-lo? [...] Não estará na escola, mais do que em qualquer outra instituição social, o elemento corrosivo do instinto poético da infância que vai fenecendo à proporção que o estudo sistemático se desenvolve, até desaparecer no homem feito e preparado supostamente para a vida?

De fato, observando o dia a dia da escola, parece que não há mais espaço para a poesia da linguagem do português, do teatro, da matemática, da educação física, da informática... e nem tampouco a expansão do ser poético, através do tempo cronológico e do amadurecimento intelectual, proporcionado pela experiência, senso crítico e consciência ética. O que comumente se percebe são o consumismo de livros de poesia, a repetição mecânica de poemas, a decifração de estrofes e a análise estrutural de seus versos.

Porém, no CEPAE/UFG, esta “melancolia infantil” não tem engessado seus alunos e professores, mas, ao contrário, movimentado seus passos e atitudes em direção a uma forma lírica, lúdica e interdisciplinar de promover o reencontro do ser poético, das e nas matérias escolares. E uma das maneiras mais divertidas e produtivas de vivenciar essa “experiência mágica” tem sido efetivada por meio do Festival de Pipa e Poesia.

A POESIA NO AR

Diz Drumond de Andrade (1974):

O que eu pediria à escola, se não me faltassem luzes pedagógicas, era considerar a poesia como a primeira visão direta das coisas, e depois como veículo de informação prática e teórica, preservando em cada aluno o fundo do mágico, lúdico, intuitivo e criativo, que se identifica basicamente com a sensibilidade poética.

E é bem este princípio “poético” que fornece a base de sustentação para o PIPOESIA, o evento culminante do Projeto Interdisciplinar “Como tirar a poesia da estante?”. Como o próprio nome diz, a intenção maior da proposta é “ressuscitar a palavra poética”, retirando-a da estante e permitindo que ela “salte para a vida”, mesmo que o ponto de partida inicial esteja restrito ao ambiente escolar.¹ Esta visão é decorrente da mesma compreensão de que a literatura é um bem cultural vital para o ser humano, um patrimônio que preserva manifestações históricas imprescindíveis à identidade individual e coletiva, um produto textual discursivo que mantém em exercício a própria língua como legado coletivo.

Especificamente, o projeto tem por objetivo a sensibilização para a recepção e exploração das potencialidades do texto poético; a apropriação da poesia pela experiência estética; a formação de leitores mais autônomos e humanizados; e a divulgação de poesias e poetas modernos e contemporâneos. Trata-se, pois, de um esforço coletivo de integração cultural entre a escola e a

família, a partir de um trabalho interdisciplinar fundamentado na leitura, escrita e encenação de poemas e outros gêneros discursivos.

Assim sendo, com vistas ao II PIPOESIA, durante o processo de planejamento, elaboração e confecção final das pipas contendo textos poéticos, os alunos foram envolvidos em atividades de leitura dos mais variados tipos textuais, como a narração, a argumentação, a exposição, a descrição e a injunção (MARCUSCHI, 2009); e de escrita e apresentação oral de alguns gêneros discursivos, como o relato, a descrição, a exposição, o hipertexto, o convite, a poesia, o conto popular, em drama, verso e em prosa poética, entre outros.

E, embora as produções textuais finais tenham sido sistematizadas nas aulas de língua portuguesa; e ensaiadas por meio de exercícios cênicos apenas nos encontros com a professora de teatro, todas as atividades desenvolvidas pelos alunos nas outras disciplinas do currículo escolar corroboraram a efetivação desse trabalho. Por exemplo:

1. Com o professor de matemática, leram enunciados do livro “Como fazer pipas, papagaios e pandoras” (BELMIRO, 1991); aprenderam sobre figuras geométricas, funções, pesos e medidas; compreenderam as relações práticas existentes entre essas entidades abstratas e a concretização dos projetos calculados no papel; e, finalmente, projetaram suas pipas.
2. Durante a aula de educação física, assistiram a um documentário sobre como uma recreação infantil, a brincadeira de empinar pipas, acabou tornando-se um esporte muito popular no Brasil; aprenderam sobre os princípios, regulamentos, disputas, premiações e outros aspectos que definem os jogos, lutas e danças competitivas; e, conjuntamente, confeccionaram todas as pipas.
3. No laboratório de computação, orientados pela professora de informática, navegaram em diferentes *sites* de poesia na *internet*; buscaram informações sobre os cuidados que devem ser tomados para se evitar acidentes com pipas; produziram uma lista de “conselhos valiosos” com regras básicas de segurança para esse passatempo saudável e divertido; e escolheram imagens e partes de textos que podiam compor a arte dos convites, cartazes e *folders* do Festival.
4. Na Biblioteca Setorial do CEPAE/UFG, assessorados pela coordenadora do Grupo Fuxico – contadores de históriasⁱⁱ, pesquisaram poemas, literatura de cordel e contos, em versos e em prosa poética, que apresentavam temas relacionados a “mães” e “pipas”; selecionaram e recortaram trechos que descreviam com mais fidelidade seus sentimentos por suas progenitoras ou responsáveis; e participaram de rodas de narração de histórias, observando os recursos expressivos que os textos apresentavam: a organização, o ritmo, as repetições e as construções.

O contato com todos esses textos, organizados em diferentes gêneros discursivos e apresentando diversificadas informações, foi fundamental para que os alunos pudessem transformar ideias (suas e de outros) em versos; e, conseqüentemente, vivenciar uma experiência estética (oral, escrita e encenada) de criação lírica. Dos vários poemas produzidos e apresentados pelos alunos durante o II PIPOESIA, o que se segue pode exemplificar essa conquista:

MÃE

Mãe é terra e mar, que nunca deixará de me amar,
ao meu lado sempre estará.
Ela é meu amanhecer, meu anoitecer,
é a razão do meu viver.
É a minha Cinderela mais bela, é meu tesouro precioso,
que comigo sempre estará e sempre irá amar!
Você sabe quem é a melhor mãe do mundo?
É a minha!
... e também a sua!
Mãe é a flor preferida,
elas são as nossas margaridas,
que fazem parte de cada momento de nossas vidas.
(Aluna: L.N.B., 6ºA)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Logo após as declamações e as apresentações cênicas, já no pátio da escola, enquanto lanchavam e empinavam as pipas, alunos e familiares foram entrevistados pelo setor de imprensa da UFG, e alguns desses depoimentos servem para ilustrar os resultados do II PIPOESIA.

Com muita desenvoltura, L.N.B, do 6º ano, contou que seu poema, Mãe, foi fruto de muita “pesquisa e reflexão”. Lembrou que durante as inúmeras visitas feitas à biblioteca, sempre buscou identificar as características que mais chamavam sua atenção nos poemas que lia, como “a extensão dos versos, o formato das estrofes, a combinação de ritmos e rimas, o uso da repetição...”; e que tratou de “anotar tudo!” para, posteriormente, construir um poema “com muita intertextualidade”, que fizesse fazer lembrar “o estilo poético de Cecília Meireles, de Manuel Bandeira..., mas sem melancolia, com muita alegria!”. E, com um grande sorriso maroto nos lábios repetiu, fazendo as pausas que causavam um efeito de surpresa ao seu poema: “Você sabe quem é a melhor mãe do mundo? A minha!... Ah! E também a sua!”.

Feliz e orgulhosa, uma mãe apresentou o “convite escrito e colorido” pelo filho E.B.C, do 2º ano, e relatou que, como ele, todos os outros colegas dos 2os e 4os anos haviam redigido o texto “de próprio punho, para praticar a escrita, de verdade!, de uma forma real!”. Contou, ainda, que o filho “confessou que sua pipa só tinha ficado boa para voar”, porque durante as aulas de educação física, os alunos da segunda fase haviam auxiliado os professores, “cortando os bambus e amarrando os cordões”, enquanto os pequenininhos da primeira fase “colavam o papel seda e as rabiolas”,

preparados na aula de matemática, de acordo com “as medidas e os formatos explicados no livro que tinham lido”.

Em um coro harmônico, participantes do Grupo Revoada, de diferentes turmas do ensino fundamental, cantaram o refrão da cantiga de roda, tocaram os instrumentos produzidos com sementes e repetiram as coreografias que haviam encenado, a partir de uma adaptação feita na aula de teatro, do livro de contos lido na aula de português, “A semente que veio da África”.

Alguns alunos do ensino médio, aparentemente envergonhados com a presença da imprensa e a câmara fotográfica da repórter, explicaram a composição de seus quadros ilustrativos de poemas de Drumond de Andrade e Fernando Pessoa; a maioria deles montagens feitas a partir de pesquisas em *sites* de arte da *internet*, e da utilização do programa *CorelDraw*, com a orientação da professora de informática.

Após o evento, durante a avaliação, a satisfação de todos ficou evidente, quando foram mencionados alguns dos resultados obtidos com o Projeto: maior procura por livros literários na biblioteca, mais interesse na leitura, declamação e encenação de textos poéticos, melhor qualidade na produção escrita de textos narrativos, mais responsabilidade com as pesquisas feitas no laboratório de informática, maior proximidade entre alunos e professores, família e escola, entre outros.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. *Lutar com palavras: coesão e coerência*. São Paulo: Parábolas, 2005.
- BAKHTIN, M. *Estética de criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BELMIRO, A. *Como fazer pipas, papagaios e pandorgas*. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 1991
- BOSI, A. *Reflexões sobre arte*. São Paulo: Ática, 1989
- CRUVINEL, M. & MESQUITA, D. *Leitura literária, experiência estética e produção textual na escolarização básica*. Revista EDUcativa, v. 12, n. 2, p. 265-277, jul./dez. Goiânia: Editora UCG, 2009.
- MARCUSCHI, L. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- NIETZSCHE, F. *O nascimento da tragédia ou a Grécia e o pessimismo*. Tradução Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2007
- ROSENFELD, A. *Primas do teatro*. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas, Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993. – (Debates; v.256)
- ANDRADE, O. *A educação do ser poético*. Revista de Arte e Educação, n. 16, 1974. Disponível em < www.oziris.pro.br/home/ver_texto.php?id=26 > (acesso em 19/08/2005).

ⁱ O trecho retirado do Projeto Interdisciplinar *Como tirar a poesia da estante?* (CEPAE/UFG, 2009) é de autoria de sua coordenadora, Profa. Dra. Célia Sebastiana Silva.

ⁱⁱ Este grupo é formado por alunos das 1ª e 2ª fases do Ensino Fundamental, no CEPAE/UFG, que realizam atividades de ouvir e contar histórias e brincar com elas, em encontros de estudo na biblioteca da escola e durante apresentações culturais, em espaços públicos. Esta atuação é um dos desdobramentos do Projeto Releituras: uma experiência com leitura em sala de aula, sob a coordenação da Profa. Ms. Clêidna Landivar.